



saúde&cidadania

ANTONIO CARLOS LOPES

acontece@acontecenoticias.com.br

Fake news: da manipulação à morte



Desde que a Covid-19 chegou no Brasil, enfrentamos, além da maior e mais complexa pandemia de toda a sua história, a 'infodemia'. A OMS (Organização Mundial da Saúde) utilizou o termo para se referir ao bombardeio de informações muitas vezes (e na maioria delas) falsas e manipuladas, às quais a população está submetida diariamente.

As fake news não são novidade nem exclusividade de um grupo ou outro. No campo político, são fartamente utilizadas para manipular pessoas/eleitores; e todos os dias ouvimos denúncias sobre isso.

Na própria área médica, sofremos com esse grave problema. Em disputas recentes por diretorias de nossas associações, conselhos e sociedades de especialidade, são recorrentes a utilização de fake news para macular imagens e manipular quem tem direito a voto. Curioso é que é sempre o mesmo grupo que recorre a elas, que isso já ocorre há anos e mais anos, só que muitos médicos ainda cobram gato por lebre.

São fatos preocupantes. Mas, durante a atual crise mundial da saúde, são mais perigosas.

Enquanto nós, profissionais da saúde, nos esforçamos para atender a demanda cada vez maior de pacientes contaminados, sete em cada dez brasileiros são enganados por notícias falsas sobre a pandemia todos os dias, especialmente através das redes sociais.

As fake news popularizam-se pelo aspecto emocional. Frente ao medo e às incertezas às quais estamos vivendo, qualquer notícia que ofereça segurança e conforto ganha rapidamente a adesão da população. Entre os maiores absurdos que surgiram na mídia recentemente, estão remédios caseiros para combater a Covid-19 e a possibilidade de transmissão da doença por pemilongos, só para citar alguns.

Nesse cenário de fragilidade, indivíduos mal-intencionados se aproveitam para impulsionar tratamentos ditos milagrosos, medicamentos sem eficiência comprovada e projetos de vacinas misteriosos. Muitos deles envolvidos em projetos políticos, econômicos e ideológicos. Ao criar essa condição de desinformação, lavando pessoas a seguir notícias falsas, em vez da ciência, coloca-se vidas em risco.

A baixa adesão dos brasileiros ao distanciamento social é uma das consequências das fake news. Mesmo que reforçamos a necessidade médica da quarentena e do isolamento, seus autores insistem em colocar essas práticas em dúvida na mentalidade popular. Assim, os números de casos crescem, os hospitais ficam sobrecarregados e o retorno à normalidade parece um sonho sempre distante.

Como profissionais da saúde, somos essenciais no combate à pandemia e também à 'infodemia'. Somos responsáveis pela mediação entre o que a ciência atesta e o que é divulgado na imprensa ou em redes sociais. Precisamos recuperar, e logo, a confiança da população em veículos de imprensa credíveis e órgãos oficiais de saúde por meio de informações sérias, fundamentadas e de fácil compreensão. A histeria provocada pelas fake news é a última coisa que precisamos neste momento de crise sanitária.

Já para os autores dessas falsas notícias, há remédio. Considerando tratar-se de crime, o mais indicado é a cadeia.

Antonio Carlos Lopes é presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica e professor afiliado do HMASP (Hospital Militar de Área de São Paulo). E-mail: acontece@acontecenoticias.com.br

BALANÇO

Mundo alcança 10 milhões de casos e 500 mil mortos pelo vírus

O saldo de infectados e óbitos relacionados à pandemia do novo coronavírus segue crescente. Ontem, segundo dados da universidade norte-americana Johns Hopkins, o mundo superou 10 milhões de casos confirmados e 500 mil mortos. Os dados oficiais apontam 10.104.045 positivados à

doença e 500.882 perdas. Por outro lado, 5.100.637 pacientes foram recuperados.

No Brasil, a Covid-19 alcançou ontem 57.622 vítimas fatais, 1.344.143 infectados e 733.848 altas médicas do novo coronavírus. Já o Estado de São Paulo indicou 14.338 mortos, 271.737 casos confirmados e 43.277 recuperados. No Grande ABC, os dados de ontem apontaram 12 novas perdas, totalizando 1.089, além de 20.689 pessoas positivadas, 28.233 sem diagnóstico e 8.635 liberados com alta médica. **da Redação**

Medo do coronavírus derruba adesão à vacina

Campanha de imunização contra gripe, que termina amanhã, não atingiu os públicos-alvos

BIA MOÇO

biamoco@dgabc.com.br

A campanha de vacinação contra a *Influenza* (gripe) termina amanhã e, até sexta-feira as prefeituras do Grande ABC ainda não haviam alcançado a meta de imunização de 90% dos públicos-alvo – idosos, crianças de 6 meses a 6 anos, gestantes, trabalhador de saúde, puérperas, indígenas e adultos de 55 a 59 anos.

De acordo com as administrações municipais, o grupo mais vacinado foi o de idosos, e os que menos compareceram para aplicação da dose foram adultos entre 55 e 59 anos, e gestantes. O cenário, porém, é avaliado por especialistas como reflexo da pandemia, já que com a chegada da Covid-19, a população evitou também a ida aos postos de saúde e tendas de campanha, sobretudo pelo medo de contaminação, mesmo com algumas cidades do Grande ABC oferecendo sistema de *drive thru*, no qual o morador não precisa descer do carro.

Mas não foram apenas vacinas da campanha contra a gripe que perderam força. Outras imunizações previstas no calendário do Ministério da Saúde, especialmente para bebês e crianças, também tiveram baixa adesão, mesmo que nenhuma cidade tenha cessado o serviço. A queda no comparecimento às unidades de saúde chegou a 50%.

Diante do cenário, a SBIm (Sociedade Brasileira de Imuni-



CADÊ? Adultos de 55 a 59 anos foram os que menos compareceram

zações), a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) e o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) lançaram, no último dia 13, cartilha digital destinada aos profissionais da saúde, além de gestores da área, denominada *Pandemia Covid-19: o que muda na rotina das imunizações*. O documento destaca a importância da vacinação de rotina mesmo durante a crise sanitária e apresenta orientações sobre como manter e fortalecer a ação de saúde pública – o download pode ser feito nos sites sbim.org.br, sbp.com.br e unicef.org.br.

Vice-presidente da SBIm e coordenadora científica da cartilha, Isabella Ballalai explica que a motivação para criar o documento se deu, justamente, pela baixa aderência às vacinações neste período de pandemia. "Tivemos uma queda na cobertura vacinal, não só no mundo, mas também em todo o Brasil, o que

deixa o País vulnerável a novos surtos de outras doenças".

Segundo Isabella, faltou orientação adequada à população e também aos profissionais de saúde sobre como lidar com a imunização, já prevista em calendário, diante de uma crise sanitária. A especialista destaca ainda que não é só o novo coronavírus que está circulando entre nós. "O sarampo continua crescendo no País, assim como outras doenças. A Covid-19 é o foco de todos hoje e precisamos mostrar para as pessoas que outros riscos existem e, muitos deles, são preveníveis por vacina", reforça, pontuando ainda que, enquanto o mundo deseja uma dose que combata o novo coronavírus, as pessoas estão deixando de lado a manutenção das imunizações já existentes e que evitam que outras doenças voltem a circular e contaminar em massa.

Estudo quer desvendar baixa cobertura vacinal

Com a queda na cobertura vacinal crescendo a cada ano, o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e o Ministério da Saúde estão realizando, em conjunto, estudo sobre as causas da queda nas imunizações, algo constatado não só no Brasil, mas em várias partes do mundo. O resultado, segundo a pediatra e especialista em Saúde do Unicef, Francisca Maria Andrade, está para sair nas próximas semanas, porém, ainda sem data determinada.

A especialista explica que, antes mesmo de a Covid-19 aparecer e inibir a presença das pessoas nas unidades de saúde, muitos municípios brasileiros esta-

vam com as coberturas vacinais abaixo das ideais para o controle das doenças. No entanto, com a chegada do novo coronavírus a queda se tornou mais evidente. "O Unicef tem mantido contato com os municípios que participam da iniciativa da plataforma nos centros urbanos para monitorar e avaliar estas coberturas vacinais e, as primeiras informações indicam que houve uma redução na procura pelas vacinas, porém ainda não é possível precisar com detalhes", pontua.

Francisca reforça que, se as pessoas não se vacinam, ou não imunizam aqueles pelos quais são responsáveis, como crianças e outros

grupos vulneráveis, estão correndo risco de contrair doenças que poderiam ser "facilmente evitadas", e também colocam outras pessoas da comunidade em risco.

"Isso acontece pela falta da proteção coletiva ou de rebanho, que existe quando algumas pessoas são indiretamente protegidas pela vacinação de outras, o que acaba beneficiando a saúde de toda a comunidade. Quando ocorre esta proteção coletiva, a doença se tornará cada vez mais rara, às vezes desaparecendo completamente da comunidade, porém é necessário que a cobertura da população vacinada seja de pelo menos 95% para a maioria das vacinas", explica.

Enquanto a pandemia do novo coronavírus estiver em evidência, a orientação da especialista, portanto, é para que as famílias mantenham contato com os serviços de saúde da comunidade para saber se a vacinação está funcionando normalmente e, em caso afirmativo, manter o calendário em dia, tomando todos os cuidados necessários para que não leve consigo outras doenças, como é o caso da Covid-19. "É importante que os municípios disponibilizem um telefone para que as famílias possam tirar as dúvidas sobre quando e onde levar seus filhos para atualizar o calendário de vacinação", orienta Francisca. **BM**

SANTO ANDRÉ

Parte do muro do cemitério da Vila Pires cai outra vez

Chuva demora trecho da estrutura, que já registra quedas em outras duas oportunidades

BIA MOÇO

biamoco@dgabc.com.br

O muro do cemitério Cristo Redentor, na Vila Pires, em Santo André, caiu pela terceira vez em um ano e meio, após chuva que atingiu a região por cerca de 16 horas no sábado. O trecho que despenhou, na Rua Coimbra, já tinha sofrido

danos estruturais em fevereiro do ano passado e, com o episódio mais recente, mais uma parte da área terá de entrar para reforma do cercamento, que já está em curso desde novembro de 2018, quando a neópole registrou a primeira ocorrência, com 25 metros de concreto cedidos.

Os moradores do bairro se



CONCERTO. Local foi limpo ontem e conta com rede de proteção

dizem "cansados" de esperar por solução, e cobram a Prefeitura para que a obra, ao invés de ser feita somente nos espaços caídos, torne-se uma revitalização total da estrutura. A Prefeitura informou que ninguém se feriu e garantiu que o local já estava interditado devido às obras em curso.

lização total da estrutura. A Prefeitura informou que ninguém se feriu e garantiu que o local já estava interditado devido às obras em curso.